

Resenha

RELAÇÕES DE PRAZER EM ANÁLISE TEXTUAL: O DISCURSO PORNOGRÁFICO

PLEASURE RELATIONS IN TEXTUAL ANALYSIS: THE PORNOGRAPHIC DISCOURSE

João Pedro Cé e Adolfo Pizzinato

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil

Resenha de:

Maingueneau, D. (2010). *O discurso pornográfico*. São Paulo: Parábola Editorial.

Dominique Maingueneau realiza, nesse livro, uma análise sobre a organização dos dispositivos da escrita pornográfica, descrevendo tanto os diferentes níveis do intradiscursos (a organização do texto em si) quanto a dialética estabelecida entre o meio social e a produção pornográfica. Sua análise tem como referência os próprios livros pornográficos, desde sua origem - com a invenção da tipografia - até os dias de hoje, quando destaca o papel chave das teorias feministas nos modos de produção desta categoria de escritos. As teorias feministas, assim como a perspectiva psicanalítica, emergem como fortes influências da organização intradiscursiva em sua análise culturalmente situada desses discursos.

A escolha de um material “classicamente polêmico” acaba revelando uma ambiguidade marcante das práticas culturalmente chanceladas para a vivência da sexualidade na cultura: um objeto social cuja expressão cresce exponencialmente com o advento da internet e novas tecnologias de comunicação e compartilhamento massivo de dados se mantém moralmente - e em muitos casos legalmente - marginalizado e intencionalmente camuflado nas práticas sociais cotidianas da maioria das pessoas. Nessa contradição, organiza-se o discurso pornográfico.

Para Maingueneau, os personagens das histórias pornográficas são cada vez mais próximos do que são as mulheres e homens comuns. As cenas nas quais os corpos exercem seus prazeres e trocam espontaneidades são agora os banheiros, carros, espaços públicos e assim por diante, rompendo com as origens dessa classe de discurso, em que o exótico e o fantasioso ocupavam um espaço privilegiado, ao mesmo tempo

aproximando as pessoas de outras possibilidades de vivência do desejo sexual e as mantendo “afastadas” ao retratarem práticas e situações mais distantes da maioria de leitores. Assim, surge um paralelismo, onde tudo é velado, mas faz parte do cotidiano, e as relações entre os sexos são colocadas em evidência num nível que revela como se organiza a obtenção de prazer e, assim, as posições sociais assumidas pelo homem e pela mulher, as relações de poder entre os gêneros.

Outros tipos de hierarquia social, segundo o autor, eram mais explícitos nos relatos datados entre os séculos XVI e XIX, em que clérigos e outras figuras de autoridade eram colocados como protagonistas das chamadas “sequências sexuais” – planos discursivos que arranjam a narrativa. Essa organização do texto revelava um escárnio e certa forma de denúncia a estas instâncias que pregavam uma moral asséptica e, portanto, se colocavam em posição moralmente imaculada, apesar das denúncias em contrário por parte de autores como Marquês de Sade, que sentiam ou sabiam que essa postura moral nem sempre conferia com os dados reais, com a vivência em sociedade.

Os personagens dos relatos pornográficos podem representar uma classe social, um dos aspectos extradiscursivos presentes na escrita pornográfica. Mas a apresentação desses atores também respeita outras regras que são da organização intradiscursiva dos relatos: eles são seres desejanter, focados na excitação sexual e não utilizam sobrenomes, o que os caracteriza como seres genéricos. Mesmo que as narrativas sejam calcadas na expressão da sexualidade de uma forma caracteristicamente “fálica” e machista, as protagonistas dos relatos podem ser muitas vezes entendidas como “heroínas” (numa definição Bakhtiniana [2008], entendidas como seres de totalidade estética que revelam um posicionamento perante a situação que enfrentam e que só são possíveis pela existência da autoria e da audiência, intra e extradiscursivamente), personagens femininas que

centralizam as narrativas, que direcionam as práticas para um prazer mútuo entre os participantes.

O eixo que organiza todo discurso pornográfico é o desejo, e o objetivo que estrutura os fatos é sua satisfação, o gozo. Esses seres que participam das atividades sexuais buscam conjuntamente atingir o prazer, e o que deve movimentar os leitores é a excitação causada pelos relatos. As histórias respeitam acima de tudo este “princípio de busca do prazer”, construindo assim um texto sem muitos enleios, que está conectado diretamente com a natureza humana e que transporta o leitor a um mundo paralelo, aquele marginalizado.

O autor afirma que a pornografia trata-se de uma escrita, um dispositivo, uma atividade de cunho atópico, ou seja, que não possuiu um local na sociedade, pois é colocada em meios muito restritos e, dessa forma, é posicionada ao mesmo tempo na existência e na inexistência, na fronteira entre o amplamente divulgado (internacionalmente, inclusive) e o rigidamente restrito. Ela é atestada por todos, mas não pode existir plenamente aberta, permanecendo na clandestinidade, pronunciada a meia-boca, em sussurros. Essa clandestinidade permeia a história do discurso pornográfico desde seu início, quando as publicações não eram assinadas ou eram utilizados pseudônimos, persistindo práticas dessa natureza até hoje, pois até agora não figuram entre as listas dos livros e filmes mais vendidos, mas estão ali apesar de ninguém assumir que os vê.

Ainda assim, o autor ressalta que o discurso pornográfico é uma categoria que intradiscursivamente não tem formato único, uma regra. A narrativa da pornografia possui um objetivo comum, respeita o princípio do prazer, mas cada autor tem sua estilística, sua forma de relatar as sequências e planos discursivos, podendo ser em poesia, prosa, contos curtos ou longos romances, com presença ou não de narrativas visuais.

A garantia desse espaço inexistente, ocupado pela pornografia, é causada justamente pelo conteúdo dos relatos. Aquilo que a sociedade esconde e o que se apresenta nas histórias é o que ninguém mostra, pois é uma atividade íntima que está colocada no olhar de um terceiro, de uma testemunha, no caso o leitor. Porém a cópula *per se* não pode ser caracterizada como obscena, apesar de lasciva, característica própria do pornográfico. Para Maingueneau, o discurso das obras dessa categoria deve explicitar cenas que sejam sexualmente performáticas e acabem por caracterizar essa atividade como espetacular e que escapa do “comum”; são cenas estetizadas para caracterizar um erotismo, certo romance e, em alguns casos, até delicadeza.

Tal argumento é sustentado pela categoria analítica de *pornografia canônica*, ou seja, a utilizada para explicitar uma expressão do discurso que é ainda mais marginalizada, como o caso do sadomasoquismo e outras “parafilias” que são apreciadas e legitimadas por grupos ainda mais seletos de admiradores, mas que ainda assim é tolerada. Há então uma linha de divisão entre normal e patológico dentro do dispositivo e do discurso pornográfico, e ainda há mais, há o *interdito* que sob a égide da moral ou da lei não é aceitável, tal como a pedofilia e o estupro.

As restrições colocadas nos relatos respeitam as leis da excitação e direção à satisfação sexual de todos os personagens envolvidos na trama, assim nenhuma narrativa é interrompida até que os corpos desejantes tenham sido satisfeitos. Só há interrupção para que posteriormente ocorra a realização potencializada do gozo. Assim, colocam-se protocolos no desencadeamento da atividade sexual, colocando certas atividades que preparam a apoteose do gozo final que encerra a cena e satisfaz tanto o leitor quanto as personagens.

É constante que as histórias organizadas pelo discurso pornográfico tenham um cunho iniciático, onde o personagem descobre suas capacidades sexuais, que outrora reprimia, pois se sentia culpado, legitimando alguma moral vigente em sua época que identifica o sexo como algo digno do repreensível. Ao iniciar-se sexualmente e enfim atingir plena satisfação, numa explosão de sensações e sentimentos prazerosos, liberta-se da culpabilização moral e, mesmo que temporariamente, alcança a felicidade que legitima o consumo da pornografia e liberta o personagem de suas amarras morais. O relato pornográfico recria o mundo cotidiano dos leitores, aquele mundo que os frustra, colocando o que é preliminar ao sexo como secundário, pois o que se espera não é a sedução ou qualquer outra construção romântica, e sim a finalização. Essa característica, além de tudo que é dito dela, dá um caráter de pseudorrelato a esse discurso.

A contribuição chave desta obra de Maingueneau é a exposição da dialética entre a expressão da sexualidade e da atividade sexual na literatura, no cinema, na internet e sua apresentação no cotidiano. Discute também o quanto a sociedade legitima aquelas práticas e que a pornografia em si coloca em evidência o modo como os autores vivem e veem os papéis das identidades de gênero no cotidiano. Maingueneau apresenta alguns aportes teóricos do feminismo que explicitam essa relação e coloca alguns exemplos de subversão ao relato pornográfico organizado pelos homens e que acaba por colocar o prazer feminino e a sexualidade da mulher calcada em princípios

de expressão masculina e fática – da iniciativa e do controle sobre o outro.

O resgate feito pelo autor defende ainda que a pornografia por si é uma ferramenta de subversão, colocando o marginal no centro, explorando os tabus de uma sociedade contraditória até mesmo dentro desse aparato subversivo. Finaliza atestando que dentro da pornografia as relações entre os sexos poderiam mudar, mas primeiramente é a relação no dia a dia entre os seres humanos que deve procurar outras formas de encontro, mudando assim a apreciação estética da atividade sexual.

Para os que trabalham com a perspectiva de uma Psicologia implicada com as produções culturais da realidade em que está inserida, esta obra de Maingueneau pode ser uma ferramenta importante para o pensamento sobre as relações de gênero, já que traz em forma de alegoria a ação dos corpos em diferentes possibilidades de relações prazer/desejo. Dessa forma, temos no *Discurso Pornográfico* mais um exemplo de possibilidade de análise dos discursos e das condutas sexuais da sociedade e, especialmente, da simbolização do afeto e do gozo das relações íntimas.

Referências

- Maingueneau, D. (2010). *O discurso pornográfico*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Bakhtin, M. (2008). *Estética de la creación verbal*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores.

Recebido em: 22/12/2011

Revisão em: 09/09/2012

Aceite em: 14/07/2013

João Pedro Cé é Mestrando em Psicologia Social pelo PPG em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Endereço: Rua Sarmento Leite, 262/802. Porto Alegre/RS, Brasil. CEP 90070-150. Email: joaopedroce@yahoo.com.br

Adolfo Pizzinato é Professor do PPG em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil. Email: adolfo.pizzinato@pucrs.br

Como citar:

Cé, J. P. & Pizzinato, A. (2013). Relações de prazer em análise textual: o discurso pornográfico. *Psicologia & Sociedade*, 25(3), 728-730.